

PODER / Presidente fixa prazo para concluir negociações com o partido e enfatiza possibilidade de se filiar ao Progressistas ou ao Republicanos

Bolsonaro ameaça e dá ultimato ao PL

» JORGE VASCONCELLOS

Um dia depois de suspender o evento de filiação ao Partido Liberal (PL), o presidente Jair Bolsonaro disse, ontem, ser possível que ele ingresse em outra sigla do Centrão, bloco político que dá sustentação ao governo. O titular do Planalto contou que mantém conversas paralelas e que o Progressistas (PP) e o Republicanos têm interesse em filiar-lo. O chefe do Executivo acrescentou estar disposto a esperar “pouquíssimas semanas” para concluir as negociações com o PL, comandado pelo ex-deputado Valdemar Costa Neto.

Bolsonaro falou sobre o assunto durante entrevista na Expo Dubai, nos Emirados Árabes Unidos. Ele disse acreditar que sua filiação ao PL, anteriormente marcada para o próximo dia 22, ainda ocorrerá, em uma data não muito distante. “Eu tenho um limite. Espero, em pouquíssimas semanas, duas ou três no máximo, casar ou desfazer o noivado. Mas acho que tem tudo para a gente casar e ser feliz”, ressaltou.

Segundo o presidente, as conversas com o PL só vão avançar se o partido desistir de apoiar adversários políticos dele, sobretudo de esquerda, e de participar de palanques estaduais que possam favorecer rivais como o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e o governador de São Paulo, João Dória (PSDB).

“Nosso partido não pode estar flertando com a esquerda num ou outro estado. Se resolvermos isso aí, eu assino essa filiação que me satisfaz e satisfaz, em grande parte, ao nosso eleitorado, que quer a continuidade da minha política”, declarou.

Bolsonaro contou que conta com um grupo de conselheiros para discutir sua próxima filiação partidária. Segundo ele, os interlocutores são os ministros da Casa Civil, Ciro Nogueira (PP), das Comunicações, Fábio Faria (PSD), e do Desenvolvimento Regional,

AFP



Bolsonaro está em viagem oficial aos Emirados Árabes: destino político ainda incerto



Eu tenho um limite. Espero, em pouquíssimas semanas, duas ou três no máximo, casar ou desfazer o noivado”

Jair Bolsonaro, presidente da República

Rogério Marinho (sem partido).

Os principais obstáculos à filiação de Bolsonaro ao PL são composições políticas em São Paulo, na Bahia, em Pernambuco e no Piauí. Em relação à disputa pelo governo paulista em 2022, o presidente tem pressionado o partido a desfazer o acordo de apoiar o nome do vice-governador Rodrigo Garcia (PSDB), aliado de Dória.

“Tem alguns estados que, para mim, a possível reeleição, se eu vier candidato, são vitais, como São Paulo. Ele (Valdemar) tem um compromisso com um

candidato que vai apoiar o atual governador (Dória), se ele tiver o espaço lá no partido dele (para concorrer a presidente)”, disse o titular do Planalto.

Bolsonaro também frisou que precisará lançar candidatos em quase todos os estados, em especial São Paulo, o maior colégio eleitoral do país, com cerca de 33 milhões de votantes. “É isso que está pegando. Valdemar é uma pessoa de palavra. Ele disse que está buscando a negociação e não conseguiu ainda a garantia de que possa desfazer o que fez no passado. Então, resolvemos

simplesmente adiar (a cerimônia de filiação)”, explicou.

O presidente negou que tenha recuado da aproximação com o PL. Segundo ele, em sua perspectiva, “na política, as coisas só acontecem quando você assina”. “Eu falei que estava 99% acertado”, sustentou.

Sobre sua relação com Costa Neto, Bolsonaro reafirmou que os dois devem estar afinados para falar abertamente dos compromissos firmados, sem pendências. “Tem tudo para dar certo. Depende do Valdemar, com sua habilidade que todo mundo conhece, conduzir esses acordos que fez no passado. Ele nunca desonrou a palavra dele.”

O chefe do governo afirmou, ainda, ser capaz de formar uma bancada na Câmara com cerca de 90 deputados, caso se filie ao partido de Costa Neto. “Eu acertando um partido bem ajustadinho, com certeza, uns 30 do então PSL virão, se for o PL. Vem gente do antigo DEM também.”

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



luizazedo.df@dabr.com.br



Federação de partidos complica as alianças regionais de Bolsonaro

A grande novidade nas eleições do próximo ano será a formação de federações partidárias, de caráter nacional e duração de pelo menos quatro anos, o que está complicando a vida do presidente Jair Bolsonaro, candidato à reeleição. Sua filiação ao PL, de Valdemar Costa Neto, por exemplo, subiu no telhado, porque a aliança do político paulista em São Paulo é com o candidato do PSDB a governador, Rodrigo Garcia. Mas não é somente isso. A formação de frentes partidárias exige mais nitidez em relação ao projeto nacional, o que complicou também a relação de Bolsonaro com o Centrão, a fortaleza patrimonialista e oligárquica, porque uma parte do seu eleitorado rejeita essa aliança e começa a migrar para a pré-candidatura do seu ex-ministro da Justiça Sérgio Moro, que se notabilizou como juiz da 13ª Vara Federal de Curitiba, com a Operação Lava-Jato, por ter condenado à prisão o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT).

A tendência é a formação de quatro ou cinco blocos partidários. A mudança parecia um retrocesso, por facilitar a vida dos pequenos partidos em dificuldades para montar chapas proporcionais nos estados, capazes de ultrapassar o quociente eleitoral (votação mínima para eleger um candidato, cujo cálculo é a divisão do número de votos válidos pelo número de vagas de cada estado); agora, estamos vendo que a formação de federações pode ser um avanço no sentido de dar mais nitidez aos projetos nacionais, pois o eixo de formação desses blocos políticos são as candidaturas à Presidência da República. Por enquanto, o bloco com mais nitidez é o formado pelo ex-presidente Lula, que articula uma “frente ampla”, nucleada por aliados tradicionais do PT: PSB, PSol e PCdoB.

A segunda frente em formação é o Centrão, a partir da aglutinação de três partidos: o PP de Ciro Nogueira (PI), ministro da Casa Civil, Arthur Lira (AL), presidente da Câmara, e Ricardo Barros (PR), líder do governo na Casa; o PL, do ex-deputado Costa Neto e da ministra da Secretaria de Governo, Flávia Arruda (DF); e Republicanos, do bispo Marcos Pereira, o braço político da Igreja Universal do reino de Deus. Todos também participaram do governo Lula e são pragmáticos. Bolsonaro prometeu acabar com a política do toma lá dá cá, mas aderiu a ela e entregou a gestão das emendas parlamentares do Orçamento da União ao Centrão. Pretendia se filiar ao PL, que já estava conversando com Lula, mas deu marcha a ré.

CANDIDATOS À PRESIDÊNCIA E GOVERNADORES SERÃO OS POLOS DE ATRAÇÃO DE DEPUTADOS E SENADORES, NA TROCA DE PARTIDOS MIRANDO AS ELEIÇÕES DE 2022

Terceira via

Ainda não está claro o verdadeiro motivo, tanto pode ser a gestão do fundo eleitoral da federação (que não está regulamentada, ou seja, não se sabe se esses recursos permanecerão controlados por cada partido ou se irão para um caixa único, com gestão própria) quanto a resistência do vereador carioca Carlos Bolsonaro, seu filho, porta-voz dos grupos bolsonaristas de extrema-direita, que gerencia suas redes sociais, diante das reações negativas à filiação de Bolsonaro ao PL. Bolsonaro deixou o PSL, partido pelo qual se elegeu, mas conseguiu formar seu próprio partido, a Aliança pelo Brasil, e está sem legenda para concorrer à Presidência. A formação desse bloco é indispensável para tentar a reeleição.

Havia uma expectativa de fragmentação da chamada “terceira via”, devido ao grande número de pré-candidatos: o ex-governador do Ceará Ciro Gomes (PDT); os governadores João Dória (SP) e Eduardo Leite (RS), que disputam as prévias do PSDB; o ex-ministro da Saúde Henrique Mandetta (DEM); a senadora Simone Tebet (MDB-MS); o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG); o senador Alessandro Vieira (Cidadania-SE); e, agora, o ex-ministro da Justiça Sérgio Moro, que se filiou ao Podemos. Qualquer candidatura com possibilidade de ultrapassar 10% de votos pode ser mantida para viabilizar uma bancada federal.

Mesmo assim, essas candidaturas correm o risco de não vingar, por pressão de deputados e senadores das respectivas legendas. Ciro e Moro são os candidatos com melhor desempenho nas pesquisas, mas têm dificuldades para fazer alianças. O primeiro está isolado na franja do bloco de esquerda; o segundo, por causa da Lava-Jato, enfrenta a ojeriza da maioria dos deputados e senadores que defendem a terceira via. Dória e Leite protagonizam uma disputa autôfaga, quem vencer vai ter que formar uma federação robusta. Tebet é uma novidade no MDB, mas pode ser cristianizada, como é da tradição da legenda. Mandetta e Alessandro postulam o apoio dos demais, mas são operadores declarados da “terceira via”. Em todos os casos, o projeto político nacional se imporá às alianças regionais e provocará intensa troca de partido, em razão do alinhamento dos governadores e da sobrevivência eleitoral.

PEC: presidente faz aceno para servidores

O presidente Jair Bolsonaro disse, ontem, que estuda destinar parte dos recursos bilionários a serem liberados pela PEC dos Precatórios a servidores públicos. A proposta de emenda à Constituição foi aprovada pela Câmara e vai ser votada, agora, no Senado, alterando o teto de gastos e viabilizando o pagamento do programa substituído do Bolsa Família, o Auxílio Brasil de R\$ 400, até o fim de 2022, ano eleitoral.

A PEC vem enfrentando oposição por partidos de esquerda, com forte base sindical, e sindicatos do funcionalismo que veem ameaças ao pagamento de dívidas a servidores aposentados que ganharam na Justiça o direito de receber benefícios atrasados. O presidente não esclareceu se planeja algum tipo de reajuste salarial a categorias.

“Tínhamos previsto pagar em torno R\$ 30 bilhões no ano que vem e passou para quase R\$ 90 bilhões. Essa diferença tem de entrar no teto. E se entrar no teto, a gente para o Brasil”, afirmou Bolsonaro, durante entrevista na Expo Dubai, nos Emirados Árabes Unidos. “Não queremos romper o teto. Propusemos ao Congresso, e a Câmara deu sinal verde, para parcelar mais da metade disso aí. Daí dá para a gente atender os mais necessitados, atender a questão orçamentária, e pensamos até em, dado o espaço que está sobrando, atender em parte os servidores.

Embratur

Bolsonaro também anunciou que o governo brasileiro vai abrir

Roberto Castro/MTur



O ministro do Turismo, Gilson Machado, em evento nos Emirados Árabes



Nosso país tem todas as condições de ser protagonista do turismo mundial e atrair visitantes de todas as partes do planeta. Nada se compara ao nosso país”

Gilson Machado, ministro do Turismo

um escritório de promoção turística em Dubai. O escritório será da agência Embratur. “O Brasil tem belezas naturais inigualáveis. Estamos abrindo um escritório de turismo aqui em Dubai”, afirmou Bolsonaro, no fórum *Invest in Brazil*. “Nós queremos que os senhores conheçam o Brasil de fato, e uma viagem pela Amazônia é algo fantástico.”

A abertura está encaminhada, e o ministro do Turismo, Gilson Machado, já visitou alguns prédios que podem receber a sede da Embratur.

Durante a visita do presidente ao país, Machado apresentou projetos de investimento

turístico no Brasil, principalmente resorts no Nordeste, mas ainda tenta convencer empresários locais a viajarem ao país para conhecer cada um deles.

O ministro também está em tratativas para tentar convencer a companhia aérea Emirates a estabelecer uma rota para o Nordeste.

Segundo Machado, o interesse dos árabes pelo Brasil é crescente. Ele frisou que essa parceria entre os países tem um futuro muito promissor. “Os Emirados Árabes Unidos são um grande mercado, e temos certeza de que iremos levar muitos turistas para conhecer o Brasil”, frisou.